

CINEMA | ANÁLISE

VIETNÃ: A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE UMA GUERRA “POR VOCÊ, POR MIM”

Carolina Salles Abelha Futuro

“O Vietnam agora é uma vasta oficina da morte, nos campos da morte, o motor da vida gira ao contrário, não para sustentar a cor da iris, a tessitura da carne, gira ao contrário, a desfazer a vida, o maravilhoso aparelho do corpo, gira ao contrário das constelações, a vida ao contrário, dentro de blusas, de calças, dentro de rudes sapatos feitos de pano e palha, gira ao contrário a vida feita de morte”.¹

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido para a disciplina Cinema e Relações Internacionais, em relação ao tema do documentário *Corações & Mentas*, de Peter Davis (1974), tem por objetivo observar a participação norte-americana na Guerra do Vietnã, à luz da construção do discurso que conduziu os Estados Unidos da América a um conflito extremamente desgastante dos pontos de vista militar, econômico, político e, sobretudo, humano.

PALAVRAS-CHAVE

Vietnã. Guerra. Discurso. Propaganda. Nova ordem. Grande Área. Chomsky. Desenvolvimento independente.

O fim da Segunda Guerra Mundial deixou os Estados Unidos em uma posição incontestável no sistema internacional. Ainda que a União Soviética representasse um polo oposto, ideologicamente e militarmente, com seu arsenal nuclear, economicamente (ao menos) – sem mencionar que seu território não havia sofrido com o desgaste do conflito, como a URSS, além da Europa – os EUA possuíam 50% da riqueza mundial e controlavam os dois lados dos dois oceanos. Nunca na história uma nação teve um controle e uma segurança tão esmagadoras². Se antes mesmo da guerra, os EUA já eram a maior potência industrial, depois do conflito assumiram o papel de “armadores” do navio capitalista. Organizaram-no como desejaram: embarcaram nele todo o mundo ocidental (com

pequenas grandes exceções como Cuba) e o Japão, um “branco honorário”³, erigiram as instituições que ditariam a nova ordem do barco capitalista (GATT, FMI e Banco Mundial, a “Trindade Profana” de Ha-Joon Chang⁴), determinaram aqueles com quem dividiriam o convés e seriam beneficiados com a construção dessa nova ordem (Japão e Europa), delegando por fim o trabalho pesado dos porões ao Terceiro Mundo, o provedor dos esforços e doador dos sacrifícios. O mar da política internacional estaria assegurado sob o comando norte-americano.

Não contavam, entretanto, com grandes contestações em “terras aliadas”. A Indochina parecia, até o início das insurreições, garantida pela França. Desde então, a guerra colonial nessa península passou a contar com o apoio material norte-americano (suprimentos e armas) e com o treinamento de vietnamitas contra-insurgentes, a partir de 1950. Em 1954, os EUA eram responsáveis pelo financiamento de 78% dos gastos franceses na guerra com sua colônia na então Indochina. Malogrados os esforços, nesse mesmo ano a França foi derrotada pelo movimento de guerrilha Viet Minh que contou com apoio soviético e chinês.

De uma maneira geral, é aceito que a Guerra do Vietnã tenha sido, com a escalada do conflito no envolvimento definitivo dos EUA, um microcosmo da Guerra Fria.

A *détente* na década de 60, após a crise dos mísseis de Cuba, deslocou o eixo das tensões do Hemisfério Norte para o Terceiro Mundo (o Sul Global), emergindo como novo elemento das relações internacionais, no espectro dos processos de descolonização afro-asiática, desde a Conferência de Bandung, em 1955.

Este é o contexto da intensificação do conflito no Vietnã, com o envolvimento direto dos Estados Unidos, mas também o aprofundamento da ruptura entre os dois gigantes do mundo socialista, com a China desvinculando-se do bloco e do modelo soviéticos de desenvolvimento, buscando uma via própria de novos paradigmas econômicos e isolamento diplomático. Enquanto a *Pax Americana* se desgastava no mundo, Japão e Europa apresentavam um significativo dinamismo econômico e recuperação política internacional.⁵

Todos aprendemos, ainda no colegial, que o envolvimento norte-americano e soviético (majoritariamente) representaram “alívios” de tensões e intenções que não poderiam ser manifestadas pelo uso das bombas atômicas sem o custo da destruição mútua

¹ *Por você por mim* (1968) – poema de Ferreira Gullar em *Toda Poesia (1950/1980)*, no ano em que os protestos na arte no Brasil ganharam mais força e, por isso, foram logo calados pelo AI-5. Curioso notar que tempos mais tarde seria evidenciada a participação da inteligência norte-americana no golpe de Estado que destituiria o governo de João Goulart – simpatizante das reivindicações de esquerda e defensor de uma via independente para o desenvolvimento – para que uma ditadura militar pró-americana (a princípio pelo menos) assumisse o controle de mais um país do Terceiro Mundo. Posto isto, não se pode deixar de notar a semelhança com o que veremos em seguida.

² Chomsky, p. 3

³ Chomsky, p. 6

⁴ Chang, p. 34

⁵ Vizentini, p. 184

assegurada, a loucura *MAD* que durou dos anos de 1950 à década de 90.

O que se vê mais tarde, contudo, é que a disputa ideológica não explica todo o envolvimento. As teorias “conspiratórias” trabalham com a ideia de que empresas americanas ganhavam com os dois lados do conflito, vendendo armamentos também para a União Soviética. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. O que de fato é incontestado é a necessidade de se produzir mercado para um grande motor da economia americana: o complexo militar-industrial. Nesse aspecto, é possível admitir sem as acusações conspiracionistas que os conflitos paralelos dentro da Guerra Fria tinham, além das motivações ideológicas, seu componente econômico. O próprio secretário de Estado de Eisenhower, John Foster Dulles, admite que a guerra na Indochina ameaçava o interesse americano nas “reservas vitais” de estanho e tungstênio obtidas com facilidade da França, naquela região.

Com efeito, para a Guerra do Vietnã, o componente ideológico teve peso decisivo. Isto, desde o início, quando do incidente com os dois destróieres norte-americanos no Golfo de Tonquim, o estopim da guerra⁶. A partir desse evento, em 7 de agosto de 1964 (cinco dias após os supostos ataques), o Congresso norte-americano aprovou por quase unanimidade a Resolução do Golfo de Tonquim, assinada pelo presidente Lyndon Johnson, o mesmo presidente que, internamente, avançava na temática social, com seu projeto da “Grande Sociedade”. O documento carregava já em seu nome o “motivo” que buscava conferir aos EUA a legitimidade de intervir no Vietnã contra os norte-vietnamitas sem uma declaração formal de guerra⁷. Legitimidade não é o mesmo que legalidade, mas a força da propaganda torna essa linha tênue quase imperceptível.

Em todas as guerras, a propaganda assume um papel fundamental, mas na do Vietnã, em especial, ela foi capaz de, em primeiro lugar, construir o discurso de legitimidade que conduziu os EUA, e seus filhos, a tomarem parte no conflito efetivamente e, em segundo lugar, sustentou sua permanência por dez anos, apesar do desgaste crescente.

Seus maiores valores, ou pelo menos os mais caros a seu povo, são aqueles descritos na Declaração da Independência dos Estados Unidos da América e perseguidos desde esse 4 de julho. A ética e a lógica protestantes já haviam conferido aos valores americanos a

condição de infalibilidade, ao assumirem o próprio Criador como Aquele que confere esses direitos inalienáveis. Assim, eximiram-se desde 1776 do peso de responder pelas conseqüências que a responsabilidade fundamental do Estado traria na defesa da vida americana, da sua liberdade e da busca pela felicidade⁸.

Aos poucos, os Estados Unidos construíram o discurso e o consenso internos de que o Vietnã (especialmente do Norte), pequenina província no Sudeste Asiático, ameaçava o *American way of life*. A construção do medo do perigo vermelho fez com que o ideológica e politicamente diferente fosse visto como vírus, como doença, pela sociedade americana em geral – já suscetível por natureza a crises de histeria, como o *macarthismo* de então.

Corações & Mentres – documentário de Peter Davis que inspira este artigo – explicita o afã anticomunista e a veemência da propaganda ao reproduzir cenas de *advertisements* – que mais pareciam advertências – transmitidos na época onde mães faziam seus filhos jurarem que não estavam “doentes de comunismo” e que nunca se deixariam contaminar por esse mal.

O discurso de Truman do documentário prega a visão de que o progresso dos Estados Unidos não se limita a seu país, mas a estendem a todos os outros países do mundo. A olhos inocentes, a tarefa de fazer o resto do mundo progredir pode parecer muito honrada e até altruísta, mas de perto não é possível crer na idoneidade da proposta norte-americana – principalmente quando se trata de uma grande potência, a maior do sistema internacional, especialmente do ponto de vista do Realismo clássico (todos os Estados comportam-se de maneira egoísta e auto-interessada, o sistema internacional é anárquico e competitivo, procura-se sempre a maximização dos ganhos e minimização das perdas e isso tudo dada a natureza humana má).

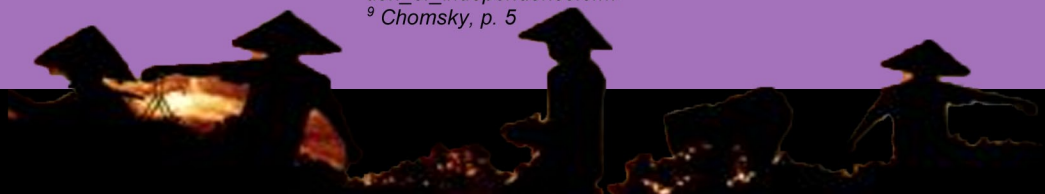
Noam Chomsky (crítico severo das aspirações norte-americanas) revela que em um memorando do Departamento de Estado dos EUA, de 1949, ao Terceiro Mundo cabia “executar sua principal função de fonte de matérias-primas e de mercado” para as sociedades industriais capitalistas⁹. Servia, portanto, para ser explorado na reconstrução do Japão e da Europa (aqueles que foram convidados a permanecer no convés do navio). Chomsky destaca que o memorando se referia especialmente às regiões do Sudeste Asiático e da África, embora todo o

⁶ Na *História*, as guerras são produzidas ao longo de anos, mas deflagradas em dias. Um exemplo é a Primeira Guerra, que tomou suas proporções mundiais com o assassinato do Arquiduque da Áustria-Hungria Francisco Ferdinando: o estopim de uma questão que já se arrastava com os anos de imperialismo, corrida armamentista, nacionalismo e militarismo das potências européias.

⁷ Os EUA entram de cabeça no Vietnã – 13 de agosto de 1964, Geral, p. 8, *Jornal O Globo*. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/os-eua-entram-de-cabeça-no-vietna-9660973>>

⁸ *We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty, and the pursuit of Happiness. That to secure these rights, Governments are instituted among Men, deriving their just powers from the consent of the governed. Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. 4 de julho de 1776. Disponível em: <http://www.digitalhistory.uh.edu/learning_history/revolution/declaration_of_independence.cfm>*

⁹ Chomsky, p. 5



Terceiro Mundo servisse a esse propósito. Assim, fica evidente que a Guerra do Vietnã¹⁰

todas as direções mil flechas de aço / o bull-pup / procura o alvo com seus 200 / quilos de explosivos / o olho-de-serpente / pausa sobre uma casa e espera a hora certa de matar¹⁴

emergiu da necessidade de garantir esse papel de servçal. Os vietnamitas nacionalistas não quiseram aceitar isso e, portanto, tinham de ser esmagados. A ameaça não era a de que eles iriam conquistar alguém, mas que eles poderiam dar um exemplo perigoso de independência nacional, que inspiraria outros países na região.

Pior ainda, o comunismo mal contido pela França se espalharia e contaminaria, por efeito dominó, o restante do mundo, até chegar aos Estados Unidos – o mesmo princípio da teoria do dominó foi usado por Dean Acheson (secretário de Estado dos EUA no fim dos anos 40) para alertar que “uma maçã podre pode estragar todo o lote”¹¹. Logo, Chomsky reconhece que¹²

Como dito anteriormente, ao Terceiro Mundo coube o papel de fornecedor de matérias-primas, mercado e mão de obra barata, na nova ordem mundial do pós-guerra arquitetada pelos grandes vencedores, os EUA. O Departamento de Estado e o Conselho de Relações Exteriores dos EUA, ainda durante a Segunda Guerra, desenvolveram planos para o mundo pós-guerra em um limite que eles determinaram como a “Grande Área”, que deveria servir às necessidades da economia norte-americana. A Grande Área era composta pelo Hemisfério Ocidental, a Europa Ocidental, o Oriente, o antigo Império Britânico, o Oriente Médio (com suas ricas reservas energéticas) e o restante do Terceiro Mundo – praticamente todo o globo. “Esses planos foram sendo executados à medida que as oportunidades permitiam.”¹⁵

Se possível, é aconselhável fazer com que os militares locais destruam [o vírus do comunismo] para você. Se eles não puderem, você terá de contar com suas próprias forças. Isso é mais oneroso, e deselegante, mas algumas vezes você tem de fazer isso. O Vietnã foi um desses lugares em que tivemos de agir assim.

Entretanto, *Corações & Mentos* mostra como, apesar de todo o esforço na sustentação do discurso para a renovação sucessiva da participação norte-americana no conflito do Vietnã, as perdas de soldados americanos e os gastos com a guerra tornaram-na insustentável ao longo dos anos, aos olhos da sociedade norte-americana.

A princípio, como visto, tentou-se fornecer aos vietnamitas contra-insurgentes a capacidade de combater o próprio inimigo.

Para isso, contribuiu, e muito, a transmissão televisiva, com o ineditismo das imagens de choque e terror. A Guerra do Vietnã foi uma das primeiras a receber cobertura total da televisão, com fartura de imagens, o que a tornava cada vez mais real. Embora nos anos iniciais a Casa Branca tenha tentado mascarar os números e as perdas do conflito, levando a sociedade a acreditar que vinham vencendo cada batalha, não seria possível encobrir tudo por dez anos. Pelo menos até 1967, a televisão cumpriu seu papel de formadora de opinião e angariou o apoio da maioria silenciosa dos norte-americanos. John Shaw, correspondente do *Time* na guerra declarou que:

O real interesse norte-americano, muito mais do que aquilo que a propaganda dizia estar ameaçado pelo comunismo – o modo de vida americano, o “direito” de beber Coca-Cola, comprar um carro novo, ou outras coisas absurdas como não poder ter sua própria casa, mas ter que dividi-la com dez famílias pobres – era a “estabilidade”, para Chomsky. Estabilidade que queria dizer segurança para as classes dominantes e liberdade para as empresas estrangeiras. Se possível, o ideal seria alcançar essa estabilidade por meios democráticos formais (o que hoje chamamos *soft power*). Não logrando êxito no uso do poder brando, “a ameaça à “estabilidade” causada pelo bom exemplo [daqueles que buscaram uma via de desenvolvimento independente, como o Vietnã] tem de ser destruída, antes que o vírus infecte os outros. É por isso que, mesmo se a menor partícula causar tal perigo, ela tem de ser esmagada.”¹³

Durante anos, o corpo de imprensa no Vietnã foi minado pela Casa Branca e pelo Pentágono. Muitos editores americanos ignoravam as informações dos seus correspondentes no Vietnã, em favor da versão oficial de Washington. Entretanto, os Documentos do Pentágono provaram fartamente que as matérias enviadas pelos correspondentes em Saigon eram verdadeiras.¹⁶

Os americanos estão agora investindo muito no Vietnam / O Vietnam agora nada em ouro / e fogo / Bases aéreas / Arsenais / Depósitos de combustíveis / Laboratórios na rocha / Radar / Foguetes / A ciência eletrônica invade a selva / gases novos, armas novas / O lazy-dog / lança em

A partir de 1968, contudo, as imagens da televisão mostravam a escalada do inimigo e o início da derrota americana no campo de batalha, com números de mortos não vistos em outras guerras. Mortos vietnamitas, sim, mas

¹⁰ *id.*, p. 5

¹¹ *id.*, p. 11

¹² *id.*, p. 26

¹³ Chomsky, p. 11

¹⁴ Gullar, *Por mim, por você*

¹⁵ Chomsky, p. 5

¹⁶ Knightley, p. 475



principalmente seus filhos, esposos, parentes e amigos. O moral e orgulho americanos, acostumados a grandes heróis e personagens icônicos, sofreu um baque especialmente ao assistir a rendição de uma divisão inteira de Marines pela TV, seus combatentes tradicionalmente mais resistentes, seus “*tough guys*”. Ao final de seu mandato, Lyndon Johnson já havia enviado meio milhão de soldados americanos ao *front* de batalha.

Estima-se que, na época, as Forças Armadas americanas já haviam usado no pequeno país uma quantidade maior de bombas do que a empregada pelos Aliados durante toda a Segunda Guerra¹⁷. O sucessor de Kennedy não concorreu à reeleição, sendo Nixon o novo presidente dos EUA em 1968, cuja maior promessa de campanha era pôr fim à guerra e “trazer os meninos de volta pra casa”¹⁸.

*O Vietnam agora está cheio de arame farpado / de homens louros / farpados / armados / vigiados / cercados / assustados / está cheio de jovens homens louros / e cadáveres jovens / de homens louros / enganados*¹⁹

Não se pode deixar de mencionar o choque provocado pelas imagens do sofrimento causado aos vietnamitas, especialmente crianças, com o uso de agentes químicos e outras armas tão terríveis quanto. O napalm foi apenas um dos diversos veículos de terror no “combate ao inimigo” e as imagens de *Corações & Mentes* traduzem o desespero da população rural que perdeu o pouco que tinha nos bombardeios – sem que ao menos soubesse pelo que estava sendo punida.

A intensificação das pressões, como se sabe, levou a Casa Branca a retirar suas tropas e apoio material, deixando a guerra para as forças locais. O envolvimento dos Estados Unidos na guerra trouxe conseqüências também para a política norte-americana, como, por exemplo na renúncia de Nixon – apesar de o estopim ter sido o Caso Watergate (corrupção e espionagem na política interna).

Nixon já vinha sofrendo desgaste político pelas posições radicais e demonstração de que voltaria a intervir no Vietnã, caso as tropas do Norte atacassem novas bases,

¹⁷ Os EUA entram de cabeça no Vietnã – 13 de agosto de 1964, Geral, p. 8, Jornal O Globo. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/os-eua-entram-de-cabeca-no-vietna-9660973>>

¹⁸ “Bring the boys back home” era uma expressão bastante usada na época para clamar pelo retorno dos filhos, maridos, parentes e amigos combatentes de guerra para sua casa, nos Estados Unidos. A banda Pink Floyd lançou dez anos depois, em 1979, o single com esse mesmo título que unificou o álbum mais famoso da banda sempre crítica da manipulação americana de seus cidadãos, *The Wall*.

¹⁹ Gullar, Por mim, por você

o que foi embargado por uma lei do Senado em 4 de junho de 1973.

Anos depois, a sociedade norte-americana ganhou consciência sobre as meias-verdades que foram contadas pelas cinco administrações sucessivas do país que mascararam fatos e motivos – como aqueles que levaram à invasão do Laos e do Camboja – de decisões e prolongamentos da guerra, como mostram os depoimentos dos veteranos de guerra no documentário de Peter Davis.

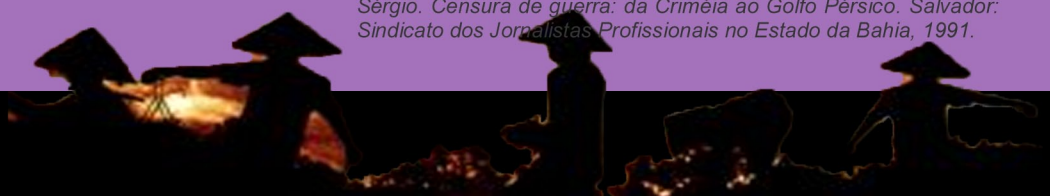
Entretanto, um depoimento em especial chama a atenção durante os 110 minutos de *Corações & Mentes*. É o do comandante das forças americanas no Vietnã, no período de 1964-1968, general William Westmoreland, que prolongou sua própria guerra até 1985. Ele aparece no documentário por diversas vezes, afirmando que teria sido possível vencer a guerra com um pouco mais de empenho e suporte da Casa Branca, o que o faz parecer um homem fora da realidade. Nos anos do conflito, Westmoreland foi acusado de ter falsificado os números da guerra, para mascarar o tamanho do efetivo dos inimigos e continuar contando com o envio de massas de soldados americanos.

O ex-comandante sustentou sua guerra pessoal porque estava movendo, nos tribunais americanos, uma ação indenizatória de 120 milhões de dólares contra a rede de televisão CBS. Ele cobrava a indenização como reparação por danos morais, por ter sido acusado, pela emissora, de falsificar o número real de soldados inimigos no Vietnã. Ex-auxiliares de Westmoreland no Vietnã confirmaram a acusação, explicando que o general diminuía o tamanho do exército inimigo para que os políticos em Washington se animassem a continuar investindo na guerra, em homens, armas, e dinheiro. Diante do provável fiasco da sua causa judicial, ele desistiu da ação.²⁰

Apesar da derrota norte-americana no objetivo imediato da guerra – impedir o avanço do comunismo no sul do Vietnã – Chomsky afirma que foi uma derrota parcial e essa visão é muito pouco explorada por aqueles que estudam a Guerra do Vietnã embora, de fato, seja consideravelmente consistente:

Ao contrário do que praticamente todos dizem – direita ou esquerda –, os Estados Unidos alcançaram seu objetivo na Indochina. O Vietnã foi destruído. Não há mais perigo ali de um desenvolvimento bem-sucedido poder servir de modelo para outros países da região. Logicamente, não foi uma vitória total para os Estados Unidos. Nossa grande meta – a de reincorporar a Indochina ao sistema global dominado pelos EUA – ainda não foi alcançada. Mas o nosso objetivo básico – o decisivo, o que realmente importava – foi o de destruir o vírus, e isso nós conseguimos. O

²⁰ Revista Veja, edição de 17 de abril de 1985. In: MATTOS, Sérgio. *Censura de guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*. Salvador: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, 1991.



Vietnã é um país em desespero e os Estados Unidos fazem o que podem para mantê-lo assim. Em outubro de 1991, os Estados Unidos ignoraram mais uma vez os enérgicos protestos de seus aliados, na Europa e no Japão, e renovaram o embargo e as sanções contra o Vietnã. Os países de Terceiro Mundo devem aprender que não podem ousar levantar a cabeça. Senão, o valentão global os perseguirá incansavelmente por cometerem esse crime inconfessável.²¹

Chomsky termina seu ensaio com uma série de previsões (que trata em *O Futuro*, uma espécie de conclusão) onde afirma que qualquer sistema de poder, mesmo uma ditadura fascista, é sensível à dissidência da opinião pública e que isso também seria verdadeiro nos Estados Unidos onde, felizmente, o Estado não teria força para coagir o povo²². Pode ser que Chomsky repensasse essa frase anos mais tarde.

Em maio de 2012, foi publicada uma reportagem na Revista *Monthly Review* intitulada: *Obama pretende reescrever a história da Guerra do Vietnã*. Isto porque em seu discurso após a assinatura da proclamação que estabelecia a Comemoração do 50º Aniversário da Guerra do Vietnã, destinada a perdurar treze anos (desde o Dia da Memória de 2012 até o Dia dos Veteranos de 2025) sob a responsabilidade do Departamento de Defesa dos EUA, Obama declarou que “a Guerra do Vietnã representou uma vergonha nacional, uma desgraça que nunca deveria ter acontecido”. Entretanto, “vergonha nacional” para o presidente dos Estados Unidos refere-se ao fato de que:

o retorno das tropas norte-americanas nem sempre foi "saudada em casa", elas muitas vezes foram "culpadas pelas malfetorias de uns poucos" e foram "por vezes denegridas" – apesar do fato de terem feito enormes sacrifícios numa guerra que "não começaram",²³

Assim, não houve referências às atrocidades cometidas por sucessivos governos, às mortes de quase 4 milhões de vietnamitas e quase 60 mil soldados americanos, aos massacres, como o da aldeia vietnamita de My Lai, que chocaram o mundo, ao uso de armas químicas, aos lançamentos de duas vezes mais bombas do que em toda a Segunda Guerra por ambos os lados e ao emprego indiscriminado e desproporcional da máquina de guerra mais potente do mundo contra populações rurais, crianças e aldeias.

Atualmente, diversos analistas em várias áreas apontam para uma possível crise de hegemonia norte-americana após o episódio de 11 de setembro de 2001 e talvez a recontagem da história por Obama tenha esse

sentido de resgate dos valores e do sentimento de superioridade norte-americanos.

Desde Gramsci, hegemonia se constrói com força e consenso. Força que os Estados Unidos não perderam desde o fim da Segunda Guerra, mas consenso que precisa ser reconstruído após a perda de credibilidade com as “guerras preventivas” de Bush, com sua forte reação à derrubada das Torres Gêmeas. Reconstrução do consenso desejado pela Casa Branca, seja ele resgatado ao preço de recontar a história omitindo fatos, alterando outros, a qualquer preço, como já aconteceu em outras ocasiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANG, Ha-Joon. Maus Samaritanos: o mito do livre-comércio e a história secreta do capitalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CHOMSKY, Noam. O Que O Tio Sam Realmente Quer. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

KNIGHTLEY, Phillip. A Primeira Vítima. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

MATTOS, Sérgio. Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico. Salvador: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia, 1991.

Notes from the editors. *Monthly Review* Volume 64, Number 4 (September 2012)

VIZENTINI, Paulo Fagundes. Desenvolvimento e Segurança na Ásia-Pacífico: problemas e perspectivas, da Pax americana ao pós-guerra fria. *Revistas Eletrônicas FEE*, v. 23, n. 4, 1996. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/issue/view/46>>

FILMOGRAFIA

Corações & Mentas, produção e direção de Peter Davis, 1974

²¹ Chomsky, p. 27

²² id., p. 46

²³ Disponível em: <<http://monthlyreview.org/2012/09/01/mr-064-04-2012-08>>

